



Cegueira adquirida: implicações sociais, culturais e educacionais

Rutz Da Silva, Sani de Carvalho¹; Alvaristo, Eliziane de Fátima²; Pilatti, Luiz Alberto³; Mamcasz-Viginheski, Lúcia Virginia⁴

Resumo

O estudo tem como objetivo compreender como as mudanças originadas no processo da perda de visão influenciam outros aspectos como os educacionais, culturais e sociais. Por meio de abordagem qualitativa, utiliza-se do estudo de caso como estratégia de pesquisa e traz como participante uma pessoa com cegueira adquirida. Como instrumento para a coleta de dados, fez-se uso da entrevista dirigida. Os resultados mostram que o fator psicossocial pode contribuir no desenvolvimento e nas condições culturais no processo de ensino e aprendizagem da pessoa com cegueira adquirida. No entanto, para que isso aconteça, é necessária a interação entre a escola e a sociedade da qual o estudante cego faça parte, com vistas à sua inclusão.

Palavras-chave: Cegueira adquirida; Inclusão; Educação; Cultura; Sociedade.

Categoria 2. Trabajos de investigación.

Temática 6. Contextos culturales y diversidad.

Objetivo

Compreender como as mudanças originadas no processo da perda de visão influenciam outros aspectos, como os educacionais, culturais e sociais.

Marco Teórico

Segundo Aranha (2001), a deficiência é uma condição determinada pela sociedade, decorrente da limitação ou impedimento da pessoa diferente à participação nos diferentes segmentos sociais.

¹ Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR; e-mail: sani@utfpr.edu.br

² Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR; e-mail: elizianeclaro@hotmail.com

³ Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR; e-mail: lapilatti@utfpr.edu.br

⁴ Faculdade Guairacá; Associação de Pais e Amigos dos Deficientes visuais; e-mail: lmamcaszviginheski@gmail.com

A deficiência visual é dividida em dois grupos: a cegueira e a baixa visão. Na primeira a pessoa pode apresentar desde a percepção da luminosidade até perda total da visão. A baixa visão ou visão subnormal corresponde ao resíduo visual que permite à pessoa a leitura de impressos à tinta, de forma ampliada (SÁ, CAMPOS E SILVA, 2007). Ambas podem ser congênitas, quando a pessoa nasce com a deficiência ou adquirida em qualquer período da vida. Os autores Taleb *et al.* (2012) apontam algumas doenças que podem levar a condição da cegueira, por exemplo, catarata, erros de refração não corrigidos, glaucoma, degeneração macular relacionada à idade, tracoma, opacidades de córnea e retinopatia diabética. Esta última doença vem acometendo um número cada vez maior de pessoas. As estimativas mostram que cerca de 171 milhões de pessoas em todo o mundo têm diabetes, sendo que, 2% dessas pessoas perdem a visão (TALEB *et al.*, 2012).

Estudos evidenciam a importância de se conhecer as necessidades das pessoas com deficiência visual e os esforços pela busca da superação das limitações originadas em função da deficiência e dos obstáculos impostos pela sociedade por não ser considerada a diversidade, tanto em âmbito educacional, quanto social e cultural. Apontam também a necessidade de compreender as formas de aprendizado dessas pessoas e o seu desenvolvimento (JUNIOR e OLIVEIRA, 2016; NUNES e LOMÔNACO, 2010; VYGOTSKY, 1997).

Vygotsky (1997) em seus estudos demonstra a importância do desenvolvimento psicossocial para a pessoa cega, subsidiando uma forma de superação que ela necessita para entender-se na sociedade, fazendo uso dos sentidos sensoriais como o tato, a audição, o paladar, o olfato, permitindo-lhe compreender-se como um ser social e cultural. Isso promove uma transformação no organismo, proporcionando as condições necessárias para a aprendizagem e o desenvolvimento da pessoa cega. A perda de visão influencia psicologicamente a forma de convívio educacional, social e cultural das pessoas com deficiência visual. O apoio familiar, as vivências escolares e culturais inferem diretamente no desenvolvimento delas.

O teórico defende a ideia de que a cegueira não é só a falta de visão e defeito de um órgão singular, e sim, uma condição que provoca uma reestruturação muito profunda de todas as forças do organismo e da personalidade. Dessa maneira, a pessoa cega "ao criar uma nova e peculiar configuração da personalidade, originam-se também novas forças, as quais modificam as direções normais de suas funções, e reestruturam de forma criativa e organicamente a psique do homem" (VYGOTSKI, 1997, p. 99). Nessa direção correlaciona-se a ideia do autor com o contexto atribuído a este estudo. Parte-se dos muitos conflitos, da busca por uma nova identidade, por novas adaptações, por novos conceitos, por novos olhares, enfim, uma luta, pela busca por superação, não só vencendo as dificuldades da deficiência,

mas, buscando novos conhecimentos, os quais a pessoa cega busca transformar “[...] a deficiência em talento, o defeito em capacidade, a fraqueza em força, a insuficiência no excesso de valor” (VYGOTSKY, 1997, p.103).

Amiralian (2004) em outra perspectiva teórica, afirma que os modos culturais estão diretamente relacionados com a identidade, pois esta é a condição básica para o desenvolvimento do ser humano, por exemplo, o modo de aprendizagem de cada pessoa, de cada povo, de cada comunidade, de cada tribo é construído a partir de personalidades individuais. Portanto, a identidade da pessoa com deficiência visual é uma peculiaridade que pode ser identificada a partir da construção do seu desenvolvimento e relações interpessoais, que se iniciam, com os pais, irmãos, amigos, vizinhos, professores, assim reafirmando suas condições na sociedade.

Vygotsky (1997) em suas análises discute o papel da interação social na formação do psiquismo, suas relações na aprendizagem e seus argumentos sobre o desenvolvimento do sujeito na educação em prol da diversidade humana e da personalidade. Para o autor, é crucial compreender as consequências sociais e culturais.

Metodologia

A pesquisa tem cunho qualitativo e retrata um estudo de caso de uma pessoa cega, denominada por Gelson, nome fictício para preservar sua identidade. Ele enxergava até os vinte e três anos de idade, e depois dessa idade perdeu totalmente a visão em consequência da diabetes mellitus. A pesquisa foi realizada em uma escola de ensino fundamental na modalidade educação especial, a qual atende pessoas com deficiência visual, localizada em um município do interior do estado do Paraná.

Como instrumento para a pesquisa foi utilizada a entrevista dirigida (CHIZZOTTI, 2009), a qual foi gravada e transcrita integralmente. Os resultados foram examinados por meio da análise da conversação (Flick, 2009), a partir de duas categorias: a condição cultural de vidente e a condição cultural de cego.

Resultados

Vygotsky (1997) evidência a história a partir do desenvolvimento cultural dos seres humanos e suas questões, as quais se constituem em um problema mais profundo relacionado à deficiência, sua representação e desenvolvimento até a formação sociobiológica do ser humano. Diante desse desenvolvimento natural e cultural trazido pelo autor, é possível fazer um paralelo com a entrevista efetuada com Gelson, o qual nasceu enxergando e em função da doença do diabetes, passou para a condição de cego.

A entrevista iniciou-se com questões voltadas para a condição de pessoa vidente. Gelson relatou que antes de perder a visão, tinha um convívio social, cultural, familiar e educacional normal. Gozava da liberdade de ir e vir e da participação efetiva na sociedade, em todos os segmentos.

Vygotsky (1997) salienta que a deficiência cria algumas dificuldades para o desenvolvimento orgânico e outras para o desenvolvimento cultural, mas, que podem ser superadas pelas pessoas com deficiência visual quando são realçadas suas peculiaridades a partir de seu habitat cultural e social.

Ao ser questionado sobre como reagiu frente à perda visual, respondeu que num primeiro momento pensou que o mundo tinha acabado, entretanto, por meio do apoio da família e dos amigos, superou esse sentimento. Considerou ser a inclusão em todos os segmentos da sociedade um fator crucial para a superação desse sentimento inicial e para o desenvolvimento da sua identidade como pessoa cega. Entretanto, teceu críticas sobre a forma como a inclusão é tratada nos diferentes espaços, principalmente os espaços educacionais, marcados pela precariedade dos recursos e pela falta de acessibilidade.

Mendes (2006, p. 16) considera que a inclusão depende de um esforço coletivo, envolvendo tanto teorias quanto práticas, a partir da "postura de pesquisadores, políticos, prestadores de serviços, familiares e indivíduos com necessidades educacionais especiais, para trabalhar numa meta comum", direcionando para uma educação de qualidade. Entretanto, a inclusão educacional é ainda um grande desafio enfrentado em todos os níveis de ensino, principalmente no ensino superior.

Nessa direção, Lira e Schindwein (2008, p. 11) discutem a inclusão da pessoa cega na escola e a questão da acessibilidade que vai ao encontro da fala de Gelson demonstrando que "a pessoa cega pode perfeitamente se apropriar das significações de seu meio e participar das práticas sociais, pois dispõe do instrumento necessário para isso, a linguagem". Desse modo, Vygotsky (1997) apresenta o sentido do uso da linguagem para as pessoas com e sem deficiência visual demonstrando uma forma de conhecer o mundo, pois o conhecimento se dá fundamentalmente pelo significado das palavras, das coisas, podendo assim transformá-las em significados.

A linguagem oral de Gelson foi preservada, possibilitando-o estabelecer e buscar outros instrumentos para a comunicação escrita, para a sua locomoção e acessibilidade, dentre elas, a escrita e a leitura em Braille, o uso de tecnologias com sintetizadores de voz, como o Dosvox, Jaws e outros, que promoveram o acesso ao meio digital; o soroban como ferramenta para realizar cálculos matemáticos, e a locomoção fazendo uso da bengala e das técnicas de orientação e mobilidade.

Vygotsky (1997, p. 27) salienta que "[...] a cultura da humanidade é criada em condições de certa estabilidade e constância do tipo biológico humano, é por isso que suas ferramentas são calculadas para uma

organização psicofisiológica normais". Esta estabilidade vai ao encontro da percepção de Gelson quanto à carência encontrada nas adaptações e acessibilidade na sociedade.

Em relação aos aspectos culturais, Gelson citou sofrer muitas restrições, visto que a sociedade não se preocupa em desenvolver atividades inclusivas, em eliminar obstáculos que limitam e impedem a participação de todas as pessoas. Também relatou sofrer preconceitos, em função dessas limitações.

As críticas tecidas por Gelson sobre a inclusão educacional, social e cultural remetem à necessidade de mudanças efetivas nos espaços educacionais, sociais e culturais para as pessoas com deficiência visual. Entende-se que os "significados são culturalmente construídos e motivados pela realidade simbólica humana [...] por práticas discursivas que relacionam ações do ponto de vista da sociedade e cultura no qual os sujeitos fazem parte" (SILVA e BATISTA, 2007, p. 149).

Em relação ao preconceito sofrido por Gelson, Nunes e Lomônaco (2010) consideram que isso impede que se perceba a pessoa cega como um ser humano, muitas vezes sendo mais uma barreira para o seu desenvolvimento psicossocial. É preciso ampliar o conhecimento das pessoas, sobretudo daqueles que não tem convívio com pessoas com deficiência, buscando situá-los da realidade e da política da educação inclusiva no Brasil.

É preciso partir do real contexto inclusivo escolar pela busca por mudanças e movimentos de políticas públicas capazes de suprir e respeitar os direitos e deveres das pessoas com deficiências, transformando os planejamentos em ações imediatas direcionadas para a inclusão.

Conclusões

A partir da análise dos dados compreende-se que o sujeito dessa pesquisa, em seu processo de passagem da condição de vidente para a condição de cego, passou por muitas dificuldades, dentre elas, educacionais, culturais e sociais. Durante esse processo apropriou-se de novas formas de comunicação, novos códigos e novas formas culturais. O seu desenvolvimento foi acompanhado por muitos conflitos em relação à reconstrução da sua identidade, como a busca pela inclusão nos diferentes segmentos sociais, pelo respeito mútuo, pelo espaço recíproco pertencente às pessoas com ou sem deficiência.

Apesar de a inclusão estar sendo discutida há algum tempo, ainda é necessário promover a acessibilidade, o rompimento dos paradigmas culturais estagnados pela sociedade, o ensino que promova o acesso e a apropriação do conhecimento, a ampliação de espaços culturais, por meio da promoção de políticas efetivamente inclusivas.

A ausência da visão é um fenômeno que pode ser superado psicologicamente com o tempo e com estimulações feitas por profissionais



especialistas, independente das causas da deficiência, do momento e da forma da perda de visão. No entanto, há outros fatores atrelados à superação da perda da visão, dentre eles, pode-se citar a relação familiar, educacional e cultural, pois são responsáveis pela inserção social da pessoa que perdeu a visão e apresenta características peculiares, as quais devem ser compreendidas, proporcionando-lhe a inserção social necessária para a sua autonomia e o exercício da cidadania.

Agradecimentos: Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pelo apoio nesta investigação que contribuiu para este trabalho.

Referências

AMIRALIAN, M. L. M. T. (2004). Sou cego ou enxergo? As questões da baixa visão. *Educar em Revista*, n. 23, p. 15-28.

ARANHA, M. S. F. (2001). Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência. *Revista do Ministério Público do Trabalho*, Ano XI, n. 21, p. 160-173.

CHIZZOTTI, A. (2009). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 10 ed. São Paulo: Cortez.

FLICK, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed.

JUNIOR, C. A. OLIVEIRA, de G. A. L. (2016). As principais causas da cegueira e baixa visão em escola para deficientes visuais. *Rev. Brasileira de Oftalmologia* v. 7, n. 1, p. 26-29.

LIRA, F. C. C. SCHLINDWEIN. M. L. (2008). A pessoa Cega e a Inclusão: Um olhar a partir da psicologia histórico-cultural. *Cad. Cedes*, v. 28, n. 75, p. 171-190.

MENDES, G. E. (2006). A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 33, p. 387-405.

NUNES, S. LOMÔNACO, J. F. B. (2010). O aluno cego: preconceitos e potencialidades. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, v. 14, n.1, p. 55-64.

TALEB, A, et al. (2012). *As condições de saúde ocular no Brasil*. São Paulo: Conselho Brasileiro de Oftalmologia.



Revista Tecné, Episteme y Didaxis. Año 2018. Número **Extraordinario.** ISSN impreso: 0121-3814, ISSN web: 2323-0126 **Memorias,** Octavo Congreso Internacional de formación de Profesores de Ciencias para la Construcción de Sociedades Sustentables. Octubre 10, 11 Y 12 de 2018, Bogotá

SÁ, E. D. de; CAMPOS, I. M. de; SILVA, M. B. C. (2007). *Atendimento educacional especializado: deficiência visual.* Brasília: MEC/SEESP.

SILVA, M. A.; BATISTA, G. C. (2007). Mediação semiótica: estudo de caso de uma criança cega, com alterações no desenvolvimento. *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 20, n. 1, p. 148-156.

VYGOTSKY, L. S. (1997) *Fundamentos de defectología.* Obras escogidas, V. Moscú: Editorial Pedagógica.